INTERNACIONAL

Holanda anuncia US$ 500 milhões em fundo de florestas um dia após reeleição de Lula

O desembolso ocorreria durante um período de dez anos e depende da viabilidade financeira do Fundo da Amazônia, que precisa alcançar um suporte de US$ 10 bilhões até o fim deste ano para acontecer

Amsterdã - O governo da Holanda apresentou ao Parlamento do país, na última segunda-feira (26), a intenção de injetar US$ 500 milhões (R$ 2,5 bilhões) no TFFF, o fundo de florestas lançado pelo Brasil no ano passado.

O desembolso ocorreria durante um período de dez anos e depende da viabilidade financeira do fundo, que precisa alcançar um suporte de US$ 10 bilhões até o fim deste ano para acontecer. O projeto, com o apoio holandês, chega agora a US$ 7,8 bilhões de caixa.

O anúncio oficial do investimento está programado para a COP31, que começa em Antália, na Turquia, em duas semanas.

Rob Jetter, primeiro-ministro holandês, foi um dos vários líderes europeus que congratulou Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pela vitória nas eleições deste domingo (25). Não está claro, porém, se o timing escolhido para o anúncio do investimento no TFFF, instrumento financeiro que remunera países por manter florestas em pé, tem relação com o cenário político brasileiro.

Um eventual governo de Flávio Bolsonaro (PL) era tratado como forte ameaça ambiental pelos europeus, dado o histórico do governo de seu pai, Jair Bolsonaro, condenado por tentativa de golpe de Estado, sob acusação de liderar uma trama para permanecer no poder. Em recente entrevista ao jornal britânico The Guardian, Marina Silva alertou para o que chamava de "projeto perverso de destruir a Amazônia", fala que ganhou repercussão mundial.

Outro veículo que vinculou as eleições brasileiras ao ambientalismo, tema pouco discutido na campanha brasileira, foi o jornal The New York Times, que chegou a escrever que "o futuro da Floresta Amazônica pode depender de quem vencer as eleições", em clara referência aos anos de Jair Bolsonaro.

Arquivo

O anúncio oficial do investimento está programado para a COP31, que começa em Antália, na Turquia, em duas semanas

Fóssil descoberto em rochas da Esfinge de Gizé no Egito é de um parente de crocodilo

Cairo - Um fóssil de réptil descoberto em rochas usadas para a construção da Grande Esfinge de Gizé, no Egito, em 2.500 a.C., voltou a ser analisado por cientistas quase um século após ser descrito. A nova pesquisa indica que o espécime parece ser um antigo parente do gavial-indiano, um dos únicos representantes ainda existentes desse réptil que se assemelha a crocodilos e jacarés e é encontrado na Ásia.

A conclusão é descrita em um artigo publicado no último dia 6 na revista Royal Society Open Science. Na nova análise, o fóssil ganhou outro nome: Herugavialis cairensis. É uma homenagem ao deus egípcio Hórus, que também está associado à figura da Grande Esfinge de Gizé.

No fim do século 18, o paleontólogo alemão Richard Markgraf (1869 1916) encontrou o holótipo (material utilizado como base em descrições taxonômicas) do crocodiliano, cuja idade estimada é de 48 milhões de anos (Eoceno Médio). Não se sabe ao certo como se deu a descoberta, pois há poucos registros científicos que comprovem o ano exato da expedição.

Mais tarde, em 1904, outro alemão, o naturalista Eberhard Fraas (1892 1915), estudou o material. Porém, só depois, em 1927, viria a descrição do fóssil. A tarefa coube ao paleontólogo Lorenz Müller, do Museu de História Natural de Stuttgart, na Alemanha, que o batizou de Tomistoma cairense. Isso porque ele viu semelhanças anatômicas do fóssil com o falso-gavial (Tomistoma schlegelii), espécie que hoje vive no Sudeste Asiático.

O trabalho envolveu pesquisadores de diferentes instituições: Paul Burke e Philip Mannion, da Universidade College de Londres (Inglaterra); Stephan Spiekman, do Museu de Stuttgart; Belal Salem, Sara Saber e Hesham Sallam, da Universidade de Mansoura (Egito).

Para reavaliar a espécie, eles examinaram o crânio original e outros fragmentos atribuídos ao animal, incluindo partes das mandíbulas e do focinho. Curiosamente, assim como na Grande Esfinge, a ponta do focinho de H. cairensis também está ausente, referente ao osso pré-maxilar.

Neandertais utilizaram madeira para produzir armas e construir vários utensílios domésticos

Madri - Para os neandertais que ocuparam durante gerações uma caverna na atual Catalunha (nordeste da Espanha), a Idade da Pedra talvez pudesse ser igualmente chamada de Idade da Madeira. Pesquisadores acabam de revelar a presença de uma grande variedade de utensílios domésticos, armas e até possíveis bandejas e quebra-ventos feitos com a matéria-prima, detalhando uma versatilidade artesanal que não costuma ser associada a esses primos extintos da humanidade.

As descobertas vêm do sítio conhecido como Abric Romaní, a cerca de 50 km de Barcelona, e estão descritas em artigo que saiu na última quarta-feira (7) na revista especializada Science Advances.

Liderada por Palmira Saladié, do Instituto Catalão de Paleoecologia Humana e Evolução Social, a equipe responsável pelo estudo identificou centenas de objetos e fragmentos de madeira no abrigo rochoso, com idades estimadas entre 62 mil anos e 40 mil anos.

Trata-se da época imediatamente anterior à chegada dos seres humanos anatomicamente modernos (Homo sapiens) à Europa Ocidental, quando aquela parte do continente era dominada pelos neandertais (Homo neanderthalensis). Os artefatos de pedra encontrados anteriormente no sítio arqueológico espanhol se encaixam na cultura material típica desses parentes próximos da humanidade.

Durante muito tempo, acreditou-se que, talvez por razões cognitivas, os neandertais seriam bem menos versáteis, na escolha de matérias-primas e na diversidade de utensílios que fabricavam, do que o H. sapiens.

Alguns pesquisadores chegaram a propor que quase todos os artefatos que esses hominínios fabricavam eram feitos de pedra, com exceção de cabos de madeira para lanças usadas apenas a curta distância, em modalidades de caça "corpo a corpo", ou seja, não seriam arremessadas em alvos distantes. Uma maior variedade de matérias-primas e instrumentos, incorporando tanto diferentes tipos de madeira quanto ossos, dentes e chifres de animais, só teria se tornado comum com os seres humanos de anatomia moderna.